

Valle Ferreira

OSWALDO PATARO

GASTÃO PEREIRA DA SILVA refere, em seu livro "O Romance de Oswaldo Cruz", que SALLES GUERRA, o grande biógrafo do mestre de Manguinhos, entendia que todos nós devemos um livro ao sanitarista brasileiro.

Da mesma forma, agora que a "Revista da Faculdade de Direito", num preito de justiça, consagra um de seus números à memória do grande homem e grande mestre que foi JOSÉ GEINAERT DO VALLE FERREIRA, entendemos que todos nós, quantos pertencemos ao corpo docente da mais velha e tradicional Escola de nossa Universidade, devemos um depoimento ao grande civilista, fluminense de nascimento, mineiro de coração.

De minha parte, procuro pagar a minha dívida.

Quando, em 1954, recém-chegado do interior, submeti-me a concurso de docente livre para a cadeira de Medicina Legal, em nossa querida Faculdade de Direito, despertou-me particularmente a atenção, dentre os mestres da vetusta "Casa de Affonso Penna", uma figura de olhar manso, de voz pausada, andar tímido, sorriso entre bondoso e irônico.

Perguntei quem era.

— VALLE FERREIRA, disseram-me.

Hoje, vinte anos depois, morto o mestre, a quem dediquei, desde a primeira hora, filial simpatia e amizade, a evocação de seu nome me traz ao espírito, antes que tudo, a lembrança de meu pai.

È que ele não se cansava de aconselhar-me, entre severo e carinhoso, na escolha das companhias: “ande sempre em meio onde você seja o pior”.

A minha convivência com VALLE FERREIRA veio atestar, mais uma vez, minha condição de filho obediente.

Pou outro lado, meu pai, no julgamento que de mim fazia, nunca deixou de considerar-me um esquisitão, mas conhecedor dos homens, a cujo respeito nunca se enganava, sabendo sempre e desde logo, discernir a sinceridade dos amigos e a falsidade dos oportunistas.

A primeira impressão que VALLE FERREIRA me deixou, também, aqui, jamais desmentiu meu velho pai e, por muito que eu deva a ambos, consagro-lhes admiração maior que reconhecimento, por isto que foram, na mais exata e rigorosa acepção da palavra, acima de tudo, dois homens retos.

E, hoje, repetindo RUY, a propósito de outro sábio e apóstolo, que foi FRANCISCO DE CASTRO, direi que as saudades, embora amaríssimas, do que neles perdi não são tanto como o sentimento do que com eles perderam todos.

No meio jurídico brasileiro, dificilmente se pode encontrar alguém capaz, como VALLE FERREIRA, de reunir tantas qualidades juntas, intelectuais, morais e humanas.

Inteligente e culto, estudioso e sábio, honrado e íntegro somava a todos estes dotes, dentro de uma simplicidade encantadora, uma bondade incomensurável, que o seu todo, misto de fidalguia e de compostura, irradiava à distância, mas, discretamente, como quem temesse incomodar, até mesmo com a própria bondade.

Que não se visse, entretanto, em sua serenidade, qualquer transigência com o medo, com a injustiça, com o desmando ou com os desacertos.

Ao contrário, firme e convicto em suas atitudes, transfigurava-se diante do erro e da provocação, explodindo em lampejos indignados de justificada cólera.

Quem o tivesse visto, de uma feita, arremeter-se, decidido e célere, de punhos cerrados, contra um aluno desrespeitoso, mal poderia supor que o cordeiro manso e humilde pudesse transmudar-se em leão bravo e irado.

Poucos, muito poucos terão podido conhecê-lo sob esse prisma.

A mim, tocou-me a oportunidade e, daí, principalmente, o interesse maior de meu depoimento sobre VALLE FERREIRA, mostrando-o sob um outro ângulo, sob uma incidência diversa, em que não terão sido muitos os que puderam contemplá-lo.

A covardia repugnava a VALLE FERREIRA.

Ao narrar-me, um dia, a recusa de um professor de Medicina em assinar o “manifesto dos mineiros”, fê-lo num misto de asco e de revolta, por ter pressentido, na atitude, uma confissão de medo.

Com ele, certa vez, no interior de um banco, vi-o possesso, esbravejando, sem poder entender, dentro de meu espanto, como um homem tão delicado, tão sereno e tão prudente pudesse, assim, atingir o paroxismo da indignação.

É que, à sua revelia, como se faz, hoje, com o professor, depois dessa malfadada e pândega reforma do ensino, lhe haviam mudado, de um banco para outro, o depósito dos proventos.

Mas, o marco dominante de VALLE FERREIRA era a bondade, sua posição permanente, a compostura e seu traço mais saliente, a fidalguia.

Professor desde muito moço e por muito tempo, advogado militante, poeta, estilista notável, orador fluente e persuasivo, VALLE FERREIRA constituiu, entre nós, pela finura de sua inteligência e de suas maneiras, o que podemos chamar de um verdadeiro aristocrata do espírito.

Agradava-lhe, sobremaneira, ajudar os mais novos, estimulando-os, incentivando-os, apoiando-os.

No primeiro concurso de magistério que fiz, pude contemplar-lhe, no rosto, o contentamento íntimo, ao ver-me aprovado, contra a fúria do titular da cadeira, que se empenhava, escandalosamente, em reprovar-me

Ao final do rumoroso exame, por sentir-me talvez, perplexo entre os doutores, tocou-me levemente os ombros para cientificar-me de que eu lograra aprovação.

E desde então, mercê de Deus, nunca deixou de honrar-me com sua amizade e, o que é mais, com sua confiança.

Pouco depois, Diretor da Faculdade, impressionado com o sem número de atestados médicos falsos, justificando faltas escolares e faltas ao serviço, passou a exigir, para o desiderato, que todos os atestados médicos fossem por mim fornecidos.

Não lhe desmereci o crédito que me abriu, tendo reduzido as provas de segunda chamada, por ocasião do primeiro exame realizado, de cerca de setecentas para sete, embora me tivesse custado centenas de desafetos a minha firme posição.

Mais tarde, quando fiz o concurso definitivo para a conquista da cátedra (desculpem-me os que têm alergia por este palavrão), foi ele, ainda uma vez, quem se acercou de mim, recomendando-me especial cuidado com um certo examinador e cochichando-me, ao ouvido, na sua imensa sabedoria de profundo conhecedor dos homens:

— Hoje, o “show” é da banca.

Assim era o homem, assim era o mestre.

Vi-o, pela última vez, no seu leito de enfermo.

Com ele conversei demoradamente, mais por insistência sua que por desejo meu, temeroso de incomodá-lo.

A mesma lhaneza, a mesma tolerância, o mesmo tom suave de voz, o mesmo sorriso entre sarcástico e bom, um pouco mais cético, talvez.

Depois, viajei de férias, tristes férias em cujo transcurso ele partiu desta para a outra parte da eternidade, sem que eu o soubesse e sem que eu tivesse podido prestar-lhe a última homenagem de acompanhá-lo à morada derradeira, depositando-lhe, no corpo inanimado, a última flor de minha saudade.

Ao regressar, sob o peso medonho da dor de haver perdido tragicamente um sobrinho amado, soube-o morto, o grande VALLE FERREIRA, precisamente por ocasião da missa de sétimo dia por intenção de sua grande alma.

Visto que sempre trilhou caminhos retos em todas as posições de sua vida, e praticou o bem em todos eles, direi o mesmo que diz o Apóstolo:

“A paz, a honra, a glória sejam com ele; a paz com sua sepultura; a honra com sua memória; a glória com o seu nome: Pax, honor, gloria omni operanti bonum”.

Que resta?

Reunimos nós todos em espírito de caridade, e fazemos deprecações ao céu pelo seu descanso.

É pio dever cristão orar pelos mortos.